



CLARA DOS ANJOS: A REALIDADE DE UMA FAMÍLIA NEGRA

Paulo Alves*
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Introdução

Falar do negro na cultura brasileira seria quase um truísmo, isto é, irrelevante, não fosse a hipocrisia e a mau hábito desta sociedade em querer o inverídico. Já escreveu André João Antonil em *Cultura e opulência do Brasil* (pseudônimo do jesuíta italiano João Antonio Andreoni) que “O Brasil é o inferno dos negros, o purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos”. Descontando seu racismo contra os mulatos, e que o que aqui tinha de paraíso foi destruído pelos invasores, acertou ele que aqui sempre foi um inferno para os negros, administrado por demônios que se dizem brancos e cristãos. No que toca à representação do negro brasileiro, vale ressaltar que o escritor brasileiro que o retratou literariamente com respeito e veracidade foi Lima Barreto. Em sua obra, o negro é representado sem estereótipo, sem estropiamento de linguagem e posto na sociedade como de fato é, um sujeito comum, que sofre as consequências do racismo, mas que vai à luta, batalha, sofre e, às vezes, tem alguma alegria. No presente trabalho, temos como objetivo investigar o dado da realidade do negro brasileiro, a partir da análise da família dos Anjos, na obra *Clara dos Anjos*.

Metodologia: Este trabalho será desenvolvido de acordo com a seguinte metodologia: estudo do texto analisado, com ênfase no tema abordado, procurando localizá-lo no texto em questão, ao mesmo tempo refletindo sobre a forma como isso ocorre e a motivação para tal. Esse estudo será feito à luz de textos teóricos de apoio para confirmar os resultados, mesmo pondo em oposição, para embasar melhor os questionamentos.

Resultados: Como resultados percebemos que a realidade se torna muito ampla, intricada e multifacetada mais do que a princípio possa parecer ou alguns tentam apresentá-la. Antes de qualquer outra consideração percebemos a partir da história que quem construiu este país foi o braço negro, e que até hoje não se beneficiou; ao europeu parasita restava o usufruto dos bens produzidos, e que vale frisar, adiantando, esta realidade muito pouco variou. Os negros, dentre os

* O autor é doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Literatura e Cultura da Universidade Federal da Paraíba.



mais pobres, são os que mais trabalham e os que menos ganham, e mais são violentados e vitimados de todas as mazelas que este país recebeu da Europa. A consequência dessa confluência de fatores é o negro viver amontoado em bolsões de miséria nos grandes centros urbanos, afastado de toda e qualquer região beneficiada pelo Estado, alheio à ação governamental, exceto a violência policial e a cobrança extorsiva de impostos; ou então vive na mais recuada zona rural em completo abandono.

Discussão:

I – O negro na cultura brasileira

Na cultura brasileira, aqui estabelecendo um recorte compreendendo cultura como arte e formação intelectual, a situação é tão manipulada e ambígua, que até bem pouco tempo as únicas formas de o negro sair do gueto de miséria, estipulado pela elite mestiça que se quer branca, era a música e alguns esportes permitidos a negros, sobretudo o futebol, saltos e corridas. A partir do final dos anos 1980 surgiu outra opção: pastor de igrejas neopentecostais; ou alguma outra possibilidade que um que outro negro, de inteligência muito acima da média, pudesse descobrir ou inventar para fugir à condenação social pré-estabelecida pela própria sociedade. Como todos sabemos, o negro leva desvantagem em tudo e ainda ouve o desplante de ser responsabilizado pela condição em que vive. Apesar de não haver uma lei codificada proibindo o negro a determinadas ações, como na África do Sul e outrora nos EUA, o racismo é patente e sistemático levado a cabo por um pacto tácito entre todos da sociedade, inclusive o Estado. Em relação ao trabalho, as vagas a ele oferecidas são as piores e mesmo conseguindo um posto de trabalho ganha inferiormente aos seus pares não negros. No que toca à educação tem a pior possível, pois é sempre relegado à escola pública, que, como sabemos, é de péssima qualidade, salvo as “ilhas de excelência”. E não se pode negar que os professores em sua maioria são altamente racistas.

Em suma, o fato de manter-se o negro sem qualquer possibilidade de ganhar dinheiro, constitui-se a execução do plano de mantê-lo alijado da evolução social, preso à miséria. A pesquisadora Lilian Schwarcz, analisando a questão racial no Brasil no período entre 1870 a 1930, constata que se manobrava a incipiente ciência para se afirmar o que convinha aos mandões, especialmente sobre a raça não branca, transformando a desigualdade em inferioridade para fazer do discurso racial uma variante do debate sobre a cidadania, isto é, quem é digno de tê-la e quem não reunia condições de portá-la (1993, p.47 e 61). Pois miscigenar-se equivaleria a degenerar-se (p.56). Então, os brancos não poderiam se envolver com negros para não degenerar a descendência; e



alguém degenerado no teria cidadania nesta sociedade, essa era a simples, mas incisiva equação. Segundo a autora, por esse período circulou com desenvoltura a ideia do eugenismo, que surge no Brasil em 1914, numa tese de Alexandre Tepedino, defendida na faculdade do Rio de Janeiro (p.232), sob a desculpa de melhorara a raça (p.236), na verdade, o que se pretendia era não se misturar com negros e mulatos para não degenerar a raça branca, tida como pura; essa ideia, como todas as outras racistas, era importada da Europa. A partir dessa teia de desejos e objetivos inconfessáveis “O problema racial é, portanto, a linguagem pela qual se torna possível apreender as desigualdades observadas, ou mesmo uma certa singularidade nacional”. Pois, “neste momento em que se vinculava discurso racial e projetos de cunho nacionalista, parecia oportuno imaginar uma nação em termos biológicos, regular sua reprodução, estimar uma futura homogeneidade” (p.239). Como consequência “O resultado foi uma interpretação que, apesar de monogenista, recorreu a conclusões darwinistas sociais quando se tratava de justificar, por meio da raça, hierarquias sociais consolidadas” (p.240). Mas, tentando um argumento de compreensão para com os racistas, a autora diz que “o dogma racial da desigualdade pode ser de certa forma entendido como um estranho fruto, uma perversão do iluminismo humanista, que buscava naturalizar as desigualdades” (p.244). Mas na situação do Brasil, Schwarcz inventaria os elementos que envolvem a prática e as ideias.

No que se refere ao caso brasileiro, o que se percebe é a emergência de dois debates contemporâneos: de um lado, o enraizamento de um modelo liberal jurídico, na concepção do Estado; de outro, porém, a retomada do debate sobre a questão da igualdade (tendo como base as conclusões deterministas raciais) e o paralelo enfraquecimento de uma discussão sobre a cidadania. Teorias formalmente excludentes, racismo e liberalismo conviveram no país em finais do século, merecendo locais distintos de atuação (Schwarcz, 1993, p.244-5).

A questão da discussão sobre cidadania pode ter se enfraquecido, no sentido da teoria em si, quando o indivíduo em questão fosse um pobre branco, porquanto no que concerne ao negro, a prática já era o suficiente, nunca fora tocado pela cidadania. Mas segundo a autora, falar de raça no Brasil continuava sendo ação de grande impacto, e certamente por vários motivos. Passado mais de um século, ainda hoje, causa desconforto a todos discutir este assunto; aos que se dizem brancos porque não assumem ser racista, aos negros não conscientes porque lhes é doloroso assumirem-se como tal, e aos negros conscientes de sua raça e seu valor, porque é desgastante uma discussão que não haveria necessidade de existir não fosse a atitude criminosa dos racistas. “Se a interpretação científica que explicava por meio da mestiçagem a degeneração de uma nação não mais se sustenta, é possível afirmar que ‘falar da raça’ é ainda uma questão de grande impacto em um país como o nosso” (p.248). Por isso que a partir de Gilberto Freyre, manhosamente os racistas mudam de tática:



ao invés de negar o óbvio, assume-se *en demi-mot* e justifica-se com muito floreio e fantasia. “Desde 1930, a noção elaborada [por Freyre] de que esse era um país racial e culturalmente miscigenado, passava a vigorar como uma espécie de ideologia não oficial do Estado, mantida acima das clivagens de raça e classe e dos conflitos sociais que se precipitam na época” (p.248). O fato dessa atitude, denominada “democracia racial”, não ser assumida pelo Estado de modo oficial, não significa que ele não comprasse a ideia e não a incentivasse, por algumas razões, dentre elas, por que no Brasil o primeiro racista é o Estado... e depois não quer seus grupos sociais em conflito. Referindo-se à série de reprovações sofrida por Lima Barreto na Escola Politécnica, escreve seu biógrafo: “Preto, pobre tinha de ser reprovado sempre” (Barbosa, 1975, p.96).

Apesar do escritor não viver todo o tempo falando sobre a questão negra, ele sempre a defendeu com toda a verve que possuía. E nisso vemos mais um dado de sua inteligência e estratégia, pois tudo aquilo que é muito utilizado gasta-se. Em sua obra, observa-se sempre o cuidado com a cultura negra e com seu elemento mais fundamental: o indivíduo. Tanto no que concerne ao modo como se referia, quanto à forma como ele os retratava em sua ficção ou abordava em seus escritos de ocasião, bem como defendia a causa de sua gente, explicando fatos históricos ou denunciando ações político-administrativas que prejudicavam os negros. Ele por seu turno assumia sua condição racial, geralmente se definia como mulato, outras vezes como negro. Fala o autor: “Nasci sem dinheiro, mulato e livre” (VU, 1956, p.119)¹. Noutras passagens, afirma que sua bisavó era rebole e ele não se incomodaria de ser de qualquer outra nação africana como, por exemplo, cabinda (VU, p.149). Seu biógrafo narra que certa vez numa roda animada de bebedeira Lima desaparece sem se despedir nem dizer motivo. Depois, teria segredado a um amigo que fora por conta de algumas expressões desrespeitosas do grupo em relação às mulatas.

II – A realidade brasileira por uma mulher da periferia

No que toca ao objeto de análise deste trabalho, o romance *Clara dos Anjos* e à personagem homônima constituiu-lhe projeto de toda a carreira para não dizer a vida. Numa das primeiras anotações do seu *Diário Íntimo*, em 1903, tem-se: “No futuro escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência em nossa nacionalidade” (DI, 1956, p.33). Já no final [dezembro]

¹ As obras de Lima Barreto, utilizadas neste trabalho, serão citadas por iniciais que a identificam, para não criar confusão, pelo fato de a maioria ter o mesmo ano de publicação. Assim: CA=*Clara dos Anjos*, vol. V; HS=*Histórias e Sonhos*, vol. VI; VU=*Vida Urbana*, vol. XI; IL=*Impressões de Leitura*, vol. XIII; DI=*Diário Íntimo*, vol. XIV. As mesmas citações trarão o ano de publicação da obra apenas na primeira vez que forem citadas, a partir de então, serão fornecidas somente as iniciais da obra e a página.



de 1904 ele prepara o plano do romance *Clara dos Anjos* que ocupam três páginas (DI, p.57-9). E em janeiro de 1905, escreve que visa a fazer um romance com temática negra que “Será uma espécie de *Germinal* negro²” (DI, p.84). Pode se afirmar que sua preocupação com os negros não era literária, era vital. A literatura, na vida de Lima Barreto, apesar de ter-lhe sido a “mulher” com quem passaria os dias, era apenas a forma de se expressar para veicular suas ideias e seus objetivos e ações sócio-políticos. “A Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com quem me casei” (IL, 1956, p.66). O que ele objetivava era fazer uma denúncia completa e eloquente de como se (des)trata, explora e negligencia-se o negro no Brasil, e com mais um adendo: o risco em que vivia e vive a mulher negra, reduzida a objeto sexual descartável de qualquer macho inescrupuloso.

Não por acaso, os pais de Clara tinham todo o cuidado e atenção para com a filha, fato porque não a deixavam sair de casa sozinha, tinha de ser acompanhada por alguém. Assim, “Clara via todas as moças saírem com seus pais, com suas amigas, passearem e divertirem-se, porque seria então que ela não o podia fazer? [...] A mulher de Joaquim dos Anjos tinha a superstição dos processos mecânicos, daí o seu proceder monástico em relação à Clara” (CA, 1956, p.89). Contudo, o narrador faz questão de frisar por várias reprises de que o excesso de zelo foi prejudicial à educação da menina. “Enganava-se com a eficiência dela; porque, reclusa, sem convivência, sem relações a filha não podia adquirir uma pequena experiência de vida e notícia das abjeções de que está cheia” (CA, p.89). No texto, não fica claro o limite que o autor em função estabelece ou admitiria entre o cuidado sadio e o excesso de zelo. A partir de alguns indícios é possível arriscar o ponto de equilíbrio entre uma e outra atitude: seria, suponhamos, o cuidado restrito sem permitir o contato com homens, mas explicar o porque, mostrar fatos e exemplos ocorridos, com causas e consequências; de modo que a menina e moça estivesse consciente dos riscos e perigos que a sociedade oferece para que elas possam tomar seus próprios cuidados. Entretanto sabemos que o desejo e a perspectiva de casar deixam a pessoa com a capacidade de percepção e decisão comprometida. Verdade é que, segundo o narrador, Clara dos Anjos arruinou-se na vida porque não fora preparada para defender-se dos ataques do mundo que gira e a tudo corrói.

Tomando a realidade de Clara e sua família, que simbolizaria a realidade em que se jogou o negro brasileiro, é mister observar a realidade do espaço habitacional desta família e de outras personagens barretianas. Sobre a casa de Joaquim dos Anjos informa o narrador: “Vendeu a

² A ideia desse romance perseguiu Lima por toda a vida. Veio terminá-lo no mesmo ano em que morreu, 1922. Com o título *Clara dos Anjos* ele escreveu um conto, um romance pouco desenvolvido e não publicado, salvo em 1956, junto com o *Diário Íntimo*, e, por fim, a versão definitiva, publicada também postumamente.



modesta herança e tratou de adquirir aquela casita nos subúrbios [...] Agora, porém, e mesmo há vários anos estava em plena posse do seu ‘buraco’, como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dous quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar”. E continua a informação: “Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma dispensa minúscula. [...] Fora do corpo da casa, existia um barracão para banheiro, tanque, etc., e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras, dous pés ou três de laranjeiras...” (CA, 1956, p.33-4). Quanto ao espaço urbano, diz o narrador: “A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central” (CA, p.34). Essa era a situação em que vivia a família dos Anjos.

Mais à frente, falando da realidade do subúrbio como um todo, afirma: “Levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira em acesso. Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de paus e uni-las por paredes duvidosas”. E prossegue: “Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, bambu, que não é barato” (CA, p.115). Continuando a descrição do subúrbio e suas paisagens, apresenta mais um logradouro próximo aonde mora a família dos Anjos. “O viajante que se detém um pouco a olhar aqueles campos de vegetação rala e amarelada, aqueles morros escalavrados, cobertos de intrincados carrascais, onde pasta um gado magro e ossudo, fica confrangido e triste”. Ou então de forma mais intensa e real. “Os córregos são em geral de lama pútrida, que, quando chegam as grandes chuvas, se transformam em torrentes, a carregar os mais nauseabundos detritos. A tabatinga impermeável, barro compacto e a falta d’água não permitiam a existência de hortas...” (CA, p.119). E o narrador arremata “O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá” (CA, p.118). Em várias de suas obras, o autor aborda a questão dos subúrbios: descreve-os e tece considerações sobre os habitantes.

No conto “O moleque”, falando da personagem Dona Felismina, comenta sua residência e a de sua vizinhança bem como da região em si. Diz: “O ‘barracão’ é uma espécie arquitetônica muito curiosa e muito especial àquelas paragens da cidade. [...] Há duas espécies. Em uma, as paredes são feitas de tábuas; às vezes, verdadeiramente tábuas; em outras, de pedaços de caixões. A espécie



mais aparentada com o nosso ‘rancho’ roceiro, possui as paredes como este: são de taipa”.

Numa das ruas desse humilde arrabalde, antes trilho que mesmo rua, em que as águas cavaram sulcos caprichosos, todo ele bordado de maricás que, quando floriam, tocavam-se de flocos brancos, moravam em um barracão Dona Felismina. [...] O barracão de Dona Felismina era de um só aposento, mas o da vizinha, Dona Emerenciana, tinha dous. Eram ambos da primeira espécie. Dona Emerenciana era casada com o Senhor Romualdo, servente ou cousa que o valha em uma dependência da grande oficina do Trajano. Era preta como Dona Felismina e honesta como ela. Defronte ficava a residência de Antônia, uma rapariga branca, com dous filhos pequenos, sempre sujos e rotos. A sua residência era mais modesta: as paredes do seu barracão eram de taipa (HS, 1956, p.40-41).

Diferente era a referência ao subúrbio em que morava a família de Cassi. “A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiriças à *gare* da central; mas, numa transversal cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se com uma catita, de ar urbano” (CA, p.192).

Outros aspectos da família dos Anjos compõem-se da simplicidade, da honestidade, da inteireza de caráter, do respeito da vizinhança e dos colegas de trabalho. Como era homem simples sem maldade recebe a todos com atenção. “Um dos traços mais simpáticos do caráter de Joaquim dos Anjos era a confiança que depositava nos outros, e a boa fé. Ele não tinha, como diz o povo, malícia no coração”. E mostrando que estava dentro da média geral, diz o narrador: “Não era inteligente, mas também não era peço; não era sagaz, mas também não era tolo; entretanto, não podia desconfiar de ninguém, porque isso lhe fazia mal à consciência”. Porém, apresentava boa dose de ingenuidade. “Em geral, fosse quem fosse, ele acolhia com simpatia, de braços abertos [...] julgava o mundo como um reino de paz, de concórdia, de honestidade e lealdade, apesar das notícias de jornais” (CA, p.137). Inclusive, quando seu vizinho e parceiro de solo, Lafões, sugere a vinda de Cassi ao aniversário de Clara, em sua casa, ele sem maldade concorda e o recebe distintamente. Pensava ele que o mal apenas viria ao encontro de quem o buscava. “Na sua simplicidade, a má fé, a perversidade, a duplicidade dos homens lhe pareciam coisas tão raras, tão difíceis de medrar numa criatura de Deus, que só topariam com elas os que lhes andassem à procura, para estudos e coleções” (CA, p.137).

Quanto ao respeito de seus próximos, é importante a descrição de seus domingos em casa com dois amigos. “Joaquim [...] não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais. [...] eram quase sempre esses dous: o Senhor Antônio da Silva Marramaque, e seu compadre, pois era padrinho de



sua filha; e o Senhor Eduardo Lafões” (CA, p.38). Ou então: “Todas as tardes, após o serviço, reunia-se com outros músicos militantes, bebericavam, conversavam, falavam sobre a ‘Arte’, as orquestras de cinemas a música de tal peça ou daquela outra...” (CA, p.138). Fechando, o respeito e afeto dos vizinhos, é comovente quando D. Margarida vem dar a triste notícia de que Clara não só estava deflorada pelo malfeitor Cassis, mas, grávida. “Dona Margarida, de pé, nada dizia e olhava com profunda e desmedida tristeza, que não se adivinhava na sua calma e na segurança do seu olhar, aquele quadro desolador do enxovalhamento de um pobre lar honesto” (CA, p.192).

Bem o contrário era o caráter do Cassi e de sua mãe D. Salustiana. Ele, segundo o narrador, era um tipo Casanova chinfrim dos trópicos, que vivia desencaminhando mulheres e pondo seus lares e familiares a pique. A velha dava-lhe apoio e cobertura a todas as patifarias do filho. Toda a cidade o tinha como um pústula. São emblemáticos o encontro e o diálogo que se seguem entre o falsário e uma mulher da vida, que fora iludida por ele, quando menina, escravizada, pela mãe dele.

Cassi ia atravessando aquele bairro singular e escuro, quando, do fundo de uma tasca lhe gritaram: – Olá! Olá! ‘Seu’ Cassi! Ó ‘Seu’ Cassi! [...] Cassi espantou-se com aquele conhecimento; fazendo um ar de contrariedade, perguntou amuado: – Que é que você quer? A negra, bamboleando, pôs as mãos nas cadeiras e fez com olhar de desafio: – Então, você não me conhece mais, ‘seu canaia’? Então você não ‘si’ lembra da Inês, aquela crioulinha que sua mãe criou e você... Lembrou-se, então, Cassi, de quem se tratava. Era a sua primeira vítima, que sua mãe, sem nenhuma consideração, tinha expulsado de casa em adiantado estado de gravidez. Reconhecendo-a e se lembrando disso, Cassi quis fugir. A rapariga pegou-o pelo braço: – Não fuja, não, ‘seu’ patife! Você tem que ‘ouvi’ uma ‘pouca’ mas de ‘sustança’. A esse tempo, já os frequentadores habituais do lugar tinham acorrido das tascas e hospedarias e formavam roda, em torno dos dois. Havia homens e mulheres, que perguntavam: – O que há Inês? – O que te fez esse moço? Cassi estava atarantado no meio daquelas caras antipáticas de sujeitos afeitos a brigas e assassinatos. Quis falar: – Eu não conheço essa mulher. Juro... – ‘Muié’, não! – fez a tal Inês, gíngando. – Quando você ‘mi’ fazia ‘festa’, ‘mi’ beijava, ‘mi’ abraçava, eu não era ‘muié’, era outra coisa, seu ‘cosa’ ruim! Um negro esguio, de olhar afoito, com um ar decidido de capoeira, interveio: – Mas, Inês, quem é afinal esse moço? – É o ‘home qui mi’ fez mal; que ‘mi’ desonrou, ‘mi pois’ nesta ‘disgraça’. – Eu! – exclamou Cassi. – Sim! Você ‘memo’, ‘seu’ caradura! ‘mi alembro’ bem... Foi até no quarto de sua mãe... Estava arrumando a casa. Uma outra mulher, esta mais branca, com uns lindos cabelos castanhos, em que se viam lândeas, comentou: – É sempre assim. Esses ‘nhonhôs gostosos’ desgraçam a gente, deixam a gente com o filho e vão-se. A mulher que se fomenta... Malvados! Cassi ouvia tudo sem saber que alvitre tomar. [...] A preta continuava: – Você sabe onde ‘tá’ teu ‘fio’? ‘Tá’ na detenção, fique você sabendo. ‘Si’ meteu com ladrão, é ‘pivete’ e foi ‘pra chacr’a’. Eis aí que você fez, ‘seu marvado’, ‘home mardidoado’. Pior do que você só aquela galinha-d’angola de ‘tua’ mãe, ‘seu’ sem-vergonha. Cassi fez um movimento de repulsa que a rapariga não perdeu. – ‘Oie’ – disse ela, para os circunstantes; – ele diz que não é o tal. Agora ‘memo se acusou-se’, quando chamei a ratazana da mãe dele – uma galinha-d’angola... É uma marvada, essa mãe dele – uma ‘veia’ cheia de ‘imposão’ de inglês. Inglês, que inglês... [...] – ‘Tu’ é ‘mao’,



mas tua mãe é pior. Quando ela descobriu ‘qui’ eu ‘tava’ com ‘fio’ na barriga, ‘mi pois’ pela porta afora, sem pena, nem dó ‘di’ eu não ‘tê pronde í’. E o ‘fio’ era neto dela e ela ‘mi’ tinha criado... Vim da roça... Ah! Meu Deus! Se não fosse uma amiga, tinha posto o ‘fio’ fora, na rua, que era serviço... Deus perdoe a ‘tua’ mãe o que ‘mi’ fez ‘ia meu fio’ deste ‘qui tá i’ também, Deus lhe perdoe!

E a pobre negra abaixou-se para apanhar a barra da saia enlameada. [...] enquanto imprecava. – ‘Marvado’! Desgraçado! Caradura! Hás de ‘mi pagá’, ‘seu canaia’! (CA, p.172-4).

A citação é enorme, mas vale como uma definição-comprovação do caráter-tipo do conquistador e de sua cúmplice: a mãe. E não por acaso, o autor em função criou o diálogo-testemunho, mas com o fito de com ele representar todos das classes média e alta que se acham superiores aos das classes que consideram inferiores e, portanto, com direito “divino” de atacar, agredir, oprimir e explorar; difamar, escravizar, destruir ou expulsar do paraíso terrestre quem bem entendam e queiram. Não se pode acusar Lima de autor maniqueísta, mas em sua obra há uma aproximada linha demarcadora, ainda que não bem nítida, entre os maus e suas vítimas; entre aqueles que tudo podem e tudo fazem e os outros. E que esses próprios têm a moral mais lassa possível permitindo-se tudo abaixo do Equador, enquanto impõem sobre suas vítimas a moral mais restrita que se possa conceber. O autor, como todo escritor militante, não poderia deixar isso passar despercebido, pelo contrário, ele fez de sua dedicação às letras e de sua obra um libelo contra os desmandos e o autoritarismo da elite e dos dirigentes o motivo de sua existência e missão.

Um ponto que julgamos importante ressaltar neste diálogo é que apesar das reprimendas e imprecções da vítima, ao final ela evoca o perdão de Deus para o rufião e sua máxima algoz, a mãe deste. Isso, na obra engajada barretiana, soa como grandeza de alma, capacidade de resiliência e perdão que só se encontra entre os pobres sofrendores, que através do extremo sofrimento conseguem aproximar-se do bem e sentir a beleza do perdão, através da experiência do amor divino. E essa é a realidade mais real, mais comum e premente a que os negros veem-se premidos, neste país que alardeia ser democrático e cristão, quando na verdade é hipócrita, a suportarem a arrogância insolente dos da elite. Esse é um dos temas de que trata o romance em questão.

Quanto a essa questão de negro ou branco neste país ocorre um fato insolúvel, por falar nisso Lilian Schwarcz diz que “o Brasil se define pela raça”. E apesar de uma fingida democracia racial *ad hoc*, a “Raça permanece como tema central no pensamento social brasileiro” (1993, p.247 e 9). E, claro, se se quer saber ou definir quem é negro ou branco; é quando ocorre o pior estelionato possível. Primeiro porque se trata de uma sociedade engendrada por portugueses e tudo feito por estes é imprestável, segundo como esses invasores praticavam sexo até com os animais,



houve uma mistura nunca vista. Então, ninguém no Brasil, salvo uns poucos colonos imigrantes, chegados no século XIX e início do XX, pode ainda estar sem mistura com sangue negro e indígena. E como se sabe misturou-se não é mais branco. Como resumo da ópera, esses fantásticos portugueses inventaram de classificar as raças *à la* portuguesa: ou seja, se o indivíduo não é negro retinto, e se o cabelo é ao menos meio ondulado, tasca-se o rótulo de branco, claro, moreno, pardo, cor-de-burro-que-foge, ou seja o que for. Até o momento em que seu desafeto não se irrite, porque no Brasil o xingamento mais saboroso aos racistas é o de negro.

Como um prenúncio do que ocorreria com sua filha Clara, Dona Engrácia tinha um ódio mortal ao destruidor de lares, Cassi, logo ela que não sabia odiar ninguém. “Engrácia odiava Cassi. Se, algum dia, tinha tido um sentimento forte, era esse de ódio ao violeiro” (CA, p.152). A paixão de Clara por Cassi não era segredo, e apesar de todos acharem impossível ele ter interesse nela para casamento, ela tinha isso como certo, pois estava envolvida com as falácias que ele lhe dizia por cartas. Ao saber que ela estava interessada e ele fazia investidas, o primeiro a se opor duvidando foi o padrinho Marramaque. “Você não vê que, se ele se quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro? Sou teu amigo Joaquim... [...] – É o que eu penso também – fez Dona Engrácia. – Ele pode achar muitas em melhores condições...” (CA, p.153). Mas “Clara, que ouvia tudo, chorando em silêncio, quis protestar e citar exemplos em contrário, que conhecia, mas se conteve” (CA, p.154). No entanto, Clara não conhecia a verdade dos fatos: tanto o que ele dizia era *flatus vocis*, quanto à mãe dele não concordaria. Tanto era verdade, que logo depois de ser seduzida, ele não mais veio a sua procura, e ela na janela de seu quarto, esperando inutilmente refletia sobre os problemas que enfrentaria caso ele a abandonasse.

Clara contemplava o céu negro, picado de estrelas. [...] – Que será de mim, meu Deus? Se ‘ele’ a abandonasse, ela estava completamente desmoralizada, sem esperança de remissão, de salvação, de resgate... Moça, na flor da idade, cheia de vida, seria como aquele céu belo, sedutoramente iluminado pelas estrelas, que também tinha ao lado de tanta beleza, de tanta luz, de não sabia que sublime poesia, aquela mancha negra como carvão. Cassi a teria de fato abandonado? Ela não podia crer, embora há quase dez dias não a viesse ver. Se ele a abandonasse – o que seria dela? Veio-lhe então perguntar a si mesma como se entregou. Como foi que ela se deixou perder definitivamente? (CA, p.175-6).

Clara, tão segura do amor de Cassi por ela, agora ver cair o véu que lhe vedava a visão e percebe o céu com outro colorido. No ápice do seu desejo de donzela contida, revoltou-se contra mãe e pai, teve raiva do padrinho que tanto a defendia e fora assassinado por causa dela pelo mesmo malfeitor que a desvirginou, agora se encontra só com seus sofrimentos, os pais e Dona



Margarida sofrendo junto com ela são os únicos que ora lhe apoiam.

Após ser obrigada a confessar a Dona Margarida, esta narra o fato à mãe de Clara, como dona Engrácia tem dificuldade de tomar atitudes, Dona Margarida oferece-se para ir à casa dos pais do malfeitor. Chegando à mesma, Clara percebe o quanto é desconsiderada por sua condição, nada que se assemelhe a seu idílio de que Cassi podia, sim, querer casar-se com ela.

Dona Margarida, sem hesitação, contou o que havia. A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico: – Que é que a senhora quer que eu faça? Até ali, Clara não dissera palavra; e Dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer. Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pode conter e respondeu como fora de si: – Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou: – Que é que você diz, sua negra?

Dona Margarida não dando tempo a que Clara replicasse o insulto, imediatamente, erguendo a voz, falou com energia sombriosa: – Clara tem razão. O que ela pede é justo; e fique a senhora sabendo que nós aqui estamos para pedir justiça e não para ouvir desaforos. Dona Salustiana voltou-se para Dona Margarida e perguntou, pronunciando, devagar as palavras, como para se dar importância: – Quem é a senhora, para falar alto em minha casa? Dona Margarida não se intimidou: Sou eu mesma minha senhora; que, quando se decide a fazer alguma coisa de justo, nada a atemoriza (CA, p.193-4).

A situação fala por si. O atrevimento de Salustiana, sua atitude criminosa herdada de um vício europeu que se espalhou pelo mundo causando o mal e a infelicidade aos não originários da Europa, dá o tom à cultura brasileira. Que mesmo na pena de um escritor que se esforçava por libertar-se do colonialismo, ver-se obrigado, para criar uma maior verossimilhança, a colocar uma imigrante, filha de uma russa e um alemão, sendo o elemento de busca por justiça para uma típica brasileira, porém, mulata ou negra; assim disse sua algoz enraivecida. Como resumo da ópera, tem-se o criminoso impune; a moça iludida, grávida, é conseqüentemente mais uma candidata a engrossar o cordão do baixo meretrício. De modo que a fez exprimir em tom de lamento e revolta: “Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um acento de desespero: – Mamãe! Mamãe! – Que é minha filha? – Nós não somos nada nessa vida” (CA, p.196).

Conclusão



Ao final do percurso, deste trabalho, vemos que Lima Barreto descreve em *Clara dos Anjos* a realidade a que está submetido o negro brasileiro. De forma clara e explícita, a partir do perfil de uma família negra, inserida em seu contexto e comprometida com os valores que regiam o universo das pessoas de bem, ele traça a trajetória dessa porção da sociedade que só tem deveres e nenhum direito; que é quem sustenta a sociedade com a força de seu trabalho mesmo assim é considerada como vadia; que, não obstante, vivendo à risca dentro dos limites da estrita moral, são achacados e destruídos naquilo de mais sagrado e quase o único bem que porta como luzeiro para mostrar ao mundo e se distinguir dos demais: sua honra. Mas exatamente a classe que de ética é desprovida encarrega-se de tentar enlamear a face do negro e relega-os à sarjeta moral. E como os valores morais é tudo o que constitui o cabedal dos negros, nada mais lhes restam para se soerguer diante da cruel sociedade dita bem nascida, enquanto os da elite, protegidos dos dirigentes imorais, seguem incólumes e impunes. E é bom que se diga, cada vez mais bem considerados e condecorados. De desmistificar essa realidade e por a nu essas manobras é que se constitui e se alimenta a vasta e militante obra do escritor carioca abominado pela elite malsã que sempre dominou o Brasil.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL/MEC, 1975.
- BARRETO, Lima. *Obras completas*. Dir. Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. Vv. V, VI, XI, XIII, XIV.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- SAYERS, Raymond. *Onze estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- SCHWARCZ, Lilian M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.